

## **Resenhas**



**LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000, 99 p.**

*Maria Inês Batista Campos\**

**E**ditor e escritor polêmico, Monteiro Lobato é um legítimo representante da cultura brasileira nas primeiras décadas do século XX. Mal compreendido por alguns estudiosos, Lobato tem sua atividade intelectual revisitada por alguém que não esconde sua paixão por ele, que tanto se empenhou em favor da leitura e dos livros no Brasil. Para além das sobancelhas, “grossas como taturanas”, registradas pelas caricaturas de Voltolino, Andrés Guevara, Loredano, Théo e Di Cavalcanti, *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida* segue as pegadas deixadas na longa correspondência de toda vida, nas crônicas espalhadas em jornais e revistas, buscando amenizar um certo franzir do semblante.

Através de um retrato feito em preto, branco e em cores, uma biografia bem contada traz imagens, fotografias e ilustrações que reconstroem o percurso cronológico e o colocam em diálogo com o momento político, econômico, social e cultural que marcou suas discussões em torno da construção da nacionalidade brasileira.

Marisa Lajolo, professora titular de Teoria Literária da Unicamp, dedicou-se ela mesma a percorrer os caminhos desse homem polêmico, mostrando-se sempre disposta a enfrentar até questões apimentadas: “Monteiro Lobato foi ou não foi comunista? Como é que ele se dava com Mário de Andrade? O dinheiro que em

---

\* Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL, PUC/SP, bolsista do CNPq.

1929 ele perdeu na Bolsa de Nova Iorque era dele ou não? Ele era racista?”. A autora encara o desafio desses temas com olhos brilhantes, avisando desde o início “as medidas deste livro”: “importa mais o vento que canta nas árvores do que o gráfico minucioso das condições atmosféricas”. Seu encantamento não lhe permitiu encarar os fatos com neutralidade o que lhe exigiu detalhes e minúcias.

Com a convicção de que Lobato é “um brasileiro sob medida”, a autora costura a imagem de um escritor-empresário que viveu e pensou as contradições do seu tempo: pobreza e riqueza, monarquia e república, república e ditadura. Seu projeto de vida era do tamanho do Brasil. Diante do atraso secular, não se intimidou. Ao contrário, empenhou-se em campanhas para pôr o Brasil a caminho da modernidade. Quem não se lembra de que “um país se faz com homens e com livros?” Lobato lançou o mote e dedicou-se a isso.

Cidadão *pret-à-porter*, nem pensar! A autora mostra um Monteiro Lobato que teceu a figura do caipira Jeca-Tatu e, anos mais tarde, criou Zé Brasil, fazendo uma autocrítica de suas posições. Escreveu *O poço do visconde* em defesa do petróleo nacional. Enfrentou a realidade de seu tempo em busca de novas perspectivas, mesmo que tivesse de voltar atrás ou, quem sabe, ir mais longe. Petróleo e livros continuam na pauta do dia de hoje.

O livro teve uma primeira edição reduzida, que foi publicada em 1985, pela Editora Brasiliense, com o título *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. Após mudanças na parte visual, o novo título ganha força e assinala o quanto os pesquisadores têm trabalhado para resgatar o talhe preciso do escritor. Fazer uma visita ao Sítio do Pica-Pau Amarelo é ir ao encontro daquele que pensou um país feito por brasileiros.

A autora preocupou-se em fazer uma biografia bem escrita, numa edição cuidadíssima, com 24 imagens (fotografias, ilustrações e capas de livros) acompanhadas de notas explicativas. Seu livro traz excelentes notas bibliográficas, roteiro de leituras e um

quadro cronológico referente ao Brasil da época. Esse cuidado todo auxilia estudiosos brasileiros na revisão sobre o papel de Lobato na cultura, ele que percebeu a profunda mudança a ser realizada na maneira moderna de produzir livros levando em conta os leitores.

Cada início de capítulo é ilustrado com um selo do Correio datado de 1973. Tantos selos distribuídos pelo Brasil afora levaram nas cartas as personagens do sítio: Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, Quindim, Visconde de Sabugosa, Emília e o próprio escritor. Há também um selo em homenagem a Monteiro Lobato em que aparece Rabicó e o Burro Falante segurando uma placa indicando o Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Dividido em doze capítulos, o livro vai do nascimento de Lobato, em 18 de abril de 1882 em Taubaté, até sua morte, na madrugada de 4 de julho de 1948, aos 66 anos. No primeiro capítulo, a autora percorre sua primeira infância. Nascido José Renato, era tratado pela família pelo apelido de Juca; mais tarde, ele escolheu José Bento, o nome do pai. Ainda em Taubaté, usou os pseudônimos *Josbem* e *Nhô Dito* quando estreou no jornalzinho estudantil *O Guarani*.

No capítulo seguinte, ficamos sabendo da paixão de Lobato pela palavra escrita. Sob o pseudônimo *Gustavo Lannes*, ele colaborou nos jornais estudantis *O Patriota* e *A Pátria* no Instituto Ciências e Letras. Por pressão do avô, o jovem Juca matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo no Largo São Francisco. Ele assistia às aulas a contragosto e colaborava no jornal *Onze de Agosto* do centro acadêmico da faculdade. Em 1903, venceu um concurso literário com o conto *Gens ennuyeux*. Nesse período, participou ativamente do *Minarete*, jornal de Pindamonhangaba, com os amigos de *O Cenáculo*, "república" de estudantes das Arcadas. Sua produção foi intensa, adotando pseudônimos como *Yewski*, *Lobatoyewski*, *Guy d'Hã* e *Marinho Dias*.

Lajolo descreve o monótono cotidiano de Monteiro Lobato em Areias como promotor e seu casamento com Purezinha. Em 1911,

ano da morte de seu avô, o Visconde de Tremembé, ele rompeu com essa vida. Herdou a Fazenda Buquira, de quase 2.000 alqueires, encravada na Serra da Mantiqueira. Empenhado em projetos agrícolas, o escritor buscou modernizá-la: abandonando a monocultura do café, importou cabras, galinhas e porcos, diversificou a plantação.

Três anos depois, a Buquira não lhe rende o suficiente e, indignado com a prática das queimadas, Lobato escreve uma carta à seção “Queixas e reclamações” do jornal *O Estado de S. Paulo*. A carta, intitulada “Velha praga”, teve repercussão nacional; seguiu-se o artigo *Urupês*, que inaugurou o Jeca Tatu, símbolo do brasileiro acossado por doenças endêmicas, pela ignorância e pela fome. Marisa Lajolo explica o sentido dessa criação: “Como anti-herói, Jeca Tatu incomoda o coro patriótico e ufanista que havia tanto tempo era unísono na voz dos que falavam do Brasil”. Assim, a figura desse caboclo põe fim ao ciclo da idealização romântica de minorias como o índio, o caboclo, o negro e o caipira.

Lobato faria Jeca reviver em outro contexto, pelas campanhas de saneamento, compreendendo-o à luz da saúde pública brasileira. Sua participação nessa campanha sanitarista se encerrou com a figura do Jeca Tatuzinho, “passando a limpo o velho Jeca”, o que ele redefiniu: “O Jeca não é vadio, está doente”. A história do Jeca Tatuzinho foi lida por milhões de brasileiros no folheto de propaganda farmacêutica do Biotônico Fontoura. Em 1973, a 35ª edição já alcançara a tiragem de 84 milhões de exemplares. Na década de 40, o antigo caboclo aparece saudável e rebatizado de Zé Brasil.

Assim, Lajolo desenha o perfil quixotesco do intelectual participante da vida de seu país. Em 1917, insatisfeito como fazendeiro, Monteiro Lobato vendeu a fazenda e instalou-se com a família em São Paulo. A autora menciona também o texto polêmico publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 20 de dezembro de 1917, em que Lobato critica a exposição da estreante pintora, Anita Malfatti. O artigo ressaltava seu talento embora condenasse “a atitude estética

forçada, no sentido das extravagâncias de Picasso & Companhia”. A autora remete o leitor a essa crítica com o intuito de buscar a ponta da meada do desencontro histórico de Lobato com os modernistas, que muitos historiadores tendem a radicalizar.

No ano seguinte, Lobato comprou a *Revista do Brasil*, quando ocorreu uma profunda modificação em sua vida e ele passou de escritor a editor. Transformou sua firma em editora e publicou seu primeiro livro *Urupês*, sucesso de crítica e de público. Esse *best-seller* teve 30 mil exemplares em nove edições, entre 1918 e 1925.

No capítulo 5, aparece a filosofia editorial do empresário ousado, baseada em três eixos: a criação de um importante esquema de distribuição de livros, a mudança no padrão gráfico e uma intensa campanha publicitária. Monteiro Lobato tratava o livro como mercadoria que precisava estar exposta para ser vendida. Nessa ocasião, lançou a famosa pergunta aos comerciantes de todo o Brasil: “Vossa Senhoria tem o seu negócio montado e quanto mais coisas vender, maior será seu lucro. Quer vender também uma coisa chamada livro?” Decidido a ganhar a cumplicidade do leitor, preocupava-se com a materialidade do livro: modernizou as capas, encomendou ilustrações, trouxe títulos sugestivos, manteve a campanha publicitária na imprensa, com resenhas e críticas.

O capítulo seguinte trata da mudança de papéis de Lobato, ao longo de sua trajetória ambígua e complexa, mostra a diversidade e a contradição de interesses entre o escritor e o editor. Ele fez literatura ou fez livros? A autora mostra que Lobato fez bem os dois, ocupando o lugar de principal editor do país no primeiro quartel do século XX e criando uma literatura infantil.

Mas o empresário moderno acabou abrindo falência. Causas? Lajolo sugere várias: a Revolução de 1924 que paralisa São Paulo, o racionamento de luz elétrica e o estrangulamento do crédito. Ela mostra que o ambicioso projeto da Editora *Revista do Brasil* – desdobrada na Monteiro Lobato & Cia. e depois na Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato – ressurgiu em 1925 na Companhia

Editora Nacional, com a atuação de Octalles Marcondes Ferreira como sócio-administrador.

Marisa Lajolo constata que, mesmo em condições adversas, o sonho do escritor/editor de construir uma nacionalidade não arrefeceu. Tanto assim que o primeiro livro da nova editora foi *Meu Cativo entre os selvagens do Brasil*, de Hans Staden. Em carta a Godofredo Rangel, comentava Lobato: “A edição primogênita da nova companhia é, por coincidência, o primeiro livro que se publicou sobre o Brasil. É obra realmente interessante e merecedora do sucesso que tem tido. A edição inicial é de 3 mil e está no fim”.

A partir do capítulo 8, Lajolo mostra um Monteiro Lobato diante de “sua mais bela invenção: o Sítio do Pica-Pau Amarelo”, que “marca a imaginação de gerações e gerações de brasileiros”. Demonstrou-o tão bem a pesquisa de José Witaker Penteado, *Os filhos de Lobato*. O escritor estruturou personagens brasileiros em torno de um sítio, para acomodar “um projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil que... viu nascer e multiplicar-se ao longo de mais de vinte anos” – a obra infantil de Lobato.

Seus livros foram distribuídos a escolas públicas de São Paulo durante o governo de Washington Luís. Suas histórias trazem a irreverência, a ironia e o questionamento. Há uma estrutura polifônica, em que se põem em diálogo várias vozes dissonantes: a humanista Dona Benta, a negra Tia Nastácia, os modernos Tio Barnabé e coronel Teodorico, sem esquecer a questionadora Emília, um ser eminentemente lingüístico. Diz a autora:

Profundamente enraizada na realidade cultural brasileira, a obra infantil de Monteiro Lobato transcende os limites do ruralismo, transfigurando o sítio – metáfora do Brasil? – em território livre, onde tudo é permitido. [...] O sítio acolhe antropofagicamente personagens das tradições mais diversas, como heróis gregos, o Pequeno Polegar, Popeye e D. Quixote.

A linguagem coloquial de Monteiro Lobato acentua o compromisso com a modernidade e com seus leitores. Trai um gosto pela oralidade e pela criação vocabular em luta contra os preciosismos da língua. Sintonizado com o ritmo de seu tempo, sua produção aparece com regularidade, principalmente pela época do Natal pois, afinal, livro é mercadoria, pode ser presente.

No capítulo 9, Marisa Lajolo acrescenta uma questão polêmica: a produção de literatura adulta. Para ela, *Urupês*, *Cidades Mortas*, *Negrinha* e *O Presidente Negro* rompem com a tradição romântica, trazendo histórias que nascem do contexto rural numa linguagem pautada pela oralidade. O projeto se compromete com textos para dar prazer e para vender: Lobato reescreveu seus contos várias vezes, modificando-os ao gosto do freguês. Muitos dos textos foram publicados pela primeira vez na *Revista do Brasil* e depois reunidos em livros, sofrendo várias alterações. É o que assinala Martins em sua dissertação “Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica”.

Uma vida feita de projetos literários e empresariais leva o escritor ao Rio de Janeiro em 1925 de onde escreve artigos criticando a lei que taxa a importação de máquinas gráficas. Mais uma vez, o polemista luta por uma legislação que favoreça os brasileiros no processo de modernização capitalista. Dois anos depois embarcou para Nova Iorque como adido comercial, nomeado pelo então presidente Washington Luís. Fascinado pela prosperidade americana, em 1929 Lobato jogou na Bolsa de Valores, mas o “crack” levou todas as suas economias, deixando-o em situação difícil, o que o obrigou a vender sua participação na Companhia Editora Nacional.

Retornando em 1931, com 50 anos, Monteiro Lobato voltou a ser escritor. Enquanto trabalhava na máquina de escrever também começava nos negócios da exploração do ferro e, mais tarde, do petróleo. No mesmo ano, fundou a Companhia de Petróleo do Brasil e mais uma vez o empresário esbarrou na burocracia oficial e nos interesses dos trustes. Quando publicou em 1936 *O escândalo*



do petróleo, o livro alcançou grande sucesso, mas com a chegada do Estado Novo no ano seguinte, foi proibida a circulação do livro.

O polêmico brasileiro estava de novo diante de relações tensas com o poder. Em 1940, Lobato recusou o convite do presidente Getúlio Vargas para assumir a direção de um Ministério de Propaganda e logo em seguida escreveu uma carta ao presidente fazendo críticas à política governamental. Um ano depois, o governo deteve Lobato e o condenou a alguns meses de prisão. De lá ele escreveu cartas ao general responsável pela sua prisão, Horta Barbosa e a Getúlio Vargas. Lajolo considera que “apesar de toda esta coragem, quem sai do presídio poucos meses depois é outro homem, desencantado e amargurado.”

O último capítulo mostra uma cronologia de cenas rápidas em que a autora traz a figura de um homem de 60 anos que se impôs um exílio na Argentina e que, quando voltou, não tinha onde morar. Acabou ficando no 12º andar no prédio da Editora Brasiliense até sua morte.

Não por acaso o livro termina no enterro de Monteiro Lobato, velado por uma multidão na Biblioteca Municipal. Ao recuperar a cena desse adeus, Marisa Lajolo acredita que “se a glória póstuma não cala a dor vivida, pode ao menos resgatá-la, dando-lhe sentido.” Da biografia clássica de Lobato, de 1955, feita por Edgar Cavaleiro, ao recente livro *Furacão na Botocúndia*, o livro de Lajolo se destaca pelo foco equilibrado entre o escritor, o editor e o cidadão. Ao percorrer estas páginas, descobrimos um brasileiro sob medida.